

Mr. Bolsonaro e os Chineses: uma sugestão de interpretação*

Mr. Bolsonaro and the Chinese: a suggested interpretation

Gilberto Libânio[†]

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir os potenciais impactos do governo Bolsonaro sobre a relação Brasil-China. Inicialmente, apresenta-se o histórico recente da relação entre os dois países, particularmente no que se refere a comércio internacional e a investimento direto externo da China no Brasil. Em seguida, procura-se especular sobre os possíveis efeitos de um maior distanciamento do Brasil em relação à China, caso se confirmem as reiteradas falas de membros do novo governo, inclusive do novo presidente, acerca de um realinhamento político com os EUA e um consequente afastamento do país asiático. A principal conclusão do artigo é que a China tem papel crucial nas relações econômicas do Brasil com o exterior e que não há justificativa para qualquer tipo de ruptura nessa relação, sob pena de o Brasil sofrer efeitos adversos em sua balança comercial e na recepção de investimentos externos.

Palavras-Chave: China; exportações; investimento direto externo.

Classificação JEL: F14; F21

Abstract

This paper aims to discuss the potential impacts of Jair Bolsonaro's government on Brazil-China relations. Firstly, it presents the recent history of relations between the two countries, particularly in regard to international trade and to Chinese FDI (foreign direct investment) in Brazil. Secondly, the paper speculates on the potential effects of a detachment of Brazil from China, in case the recurrent discourse of members of the new government, including the new president, is put into practice, regarding a political realignment with the USA and a consequent distancing of the Asian giant. The main conclusion of the article is that China plays a crucial role in Brazil's foreign economic relations and that there's no justification for any kind of disruption in this relationship, due to the risk of negative effects on Brazil's trade balance and reception of foreign investments.

Keywords: China; Exports; Foreign Direct Investment.

JEL Classification: F14; F21

* O autor agradece o apoio da FAPEMIG, por meio do Programa Pesquisador Mineiro.

† Professor Associado do Departamento de Ciências Econômicas e do CEDEPLAR – Universidade Federal de Minas Gerais

1. Introdução: o Novo Normal da China e o Brasil sob Bolsonaro

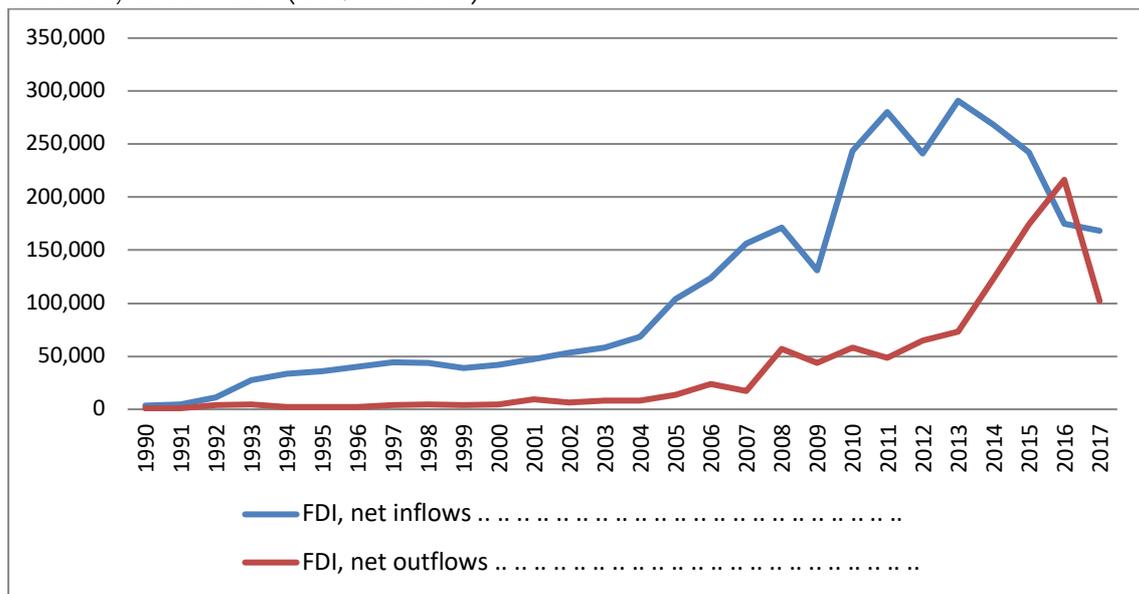
É amplamente conhecida e discutida a importância da China para a economia mundial. Atualmente, a China representa a segunda maior economia do mundo, com um PIB de aproximadamente US\$ 12 trilhões em 2017 – atrás apenas dos EUA, mas em franca caminhada para atingir o primeiro lugar em algumas décadas. Além disso, a China é o principal exportador mundial, com uma pauta que tem passado por um processo extraordinário de diversificação e sofisticação tecnológica ao longo dos últimos anos (Rodrik, 2006). Particularmente desde a crise financeira internacional de 2008-2009, a China tem sido a principal locomotiva de crescimento da economia global, dadas as baixas taxas de crescimento de outras grandes economias, como EUA, União Europeia e Japão. É também o maior credor internacional, com reservas em dólar superiores a US\$ 3 trilhões (em 2017).

Um dos elementos mais importantes na trajetória da China desde o início deste século tem sido a expansão de investimentos chineses no exterior, guiada por uma ampla estratégia de internacionalização intitulada “China Going Global”. Tal estratégia tem sido moldada e ajustada ao longo do tempo, em função tanto dos movimentos da economia internacional quanto das necessidades específicas da economia chinesa.

No período mais recente, particularmente desde 2013, sob a presidência de Xi Jinping, a China ingressou em nova etapa de seu processo de desenvolvimento, descrito na literatura como “Novo Normal” da China. Esta fase se caracteriza por maior ênfase no aumento do consumo doméstico, em detrimento de investimentos e exportações, e também por taxas de crescimento – em média – mais baixas, em torno de 6% ao ano. No que se refere à estratégia de internacionalização “Going Global”, o foco neste período é a expansão de capitais produtivos chineses no exterior – por meio de investimento direto externo, tanto *greenfield* quanto aquisições de empresas – e o crescente financiamento a investimentos em infraestrutura, em boa medida vinculado ao projeto das Novas Rotas da Seda (*Belt and Road Initiative*).

O gráfico 1 mostra a evolução dos investimentos diretos externos na China (*FDI inflows*) e dos investimentos diretos chineses no exterior (*FDI outflows*). Observa-se que estes últimos eram de fato pouco expressivos até o início dos anos 2000, e que tiveram expressivo crescimento no período mais recente. Como se discutirá mais adiante neste artigo, a dinâmica recente de IDE chinês no Brasil deve ser entendida à luz dessa estratégia mais ampla de internacionalização.

Gráfico 1. Investimento direto externo na China e investimento direto chinês no exterior, 1990-2017 (US\$ milhões)



Fonte: World Bank – World Development Indicators (2018).

Por outro lado, no Brasil, o presidente eleito Jair Bolsonaro tem manifestado inúmeras vezes sua disposição em buscar um alinhamento mais próximo aos Estados Unidos. Em seu primeiro discurso após o resultado as eleições, prometeu libertar “o Brasil e o Itamaraty das relações internacionais com viés ideológico a que foram submetidos nos últimos anos”, indicando sua intenção em reverter o movimento de aproximação com países do Sul global – e particularmente dos BRICS – que foi uma das características importantes da política externa brasileira a partir dos governos Lula. A escolha do ministro das relações exteriores e a visita de um dos filhos de Bolsonaro aos Estados Unidos também representam gestos na mesma direção.

A reação chinesa foi imediata. O jornal *China Daily*, vinculado ao Departamento de Publicidade do Partido Comunista Chinês, e principal jornal diário da China publicado em inglês, dedicou um editorial a Bolsonaro, intitulado “*No reason for 'Tropical Trump' to disrupt relations with China*”. O texto cobra do presidente eleito uma postura “objetiva e racional” a respeito das relações Brasil-China, e enfatiza que a China representa o maior mercado para as exportações brasileiras e sua principal fonte de superávit comercial. Ademais, sugere que Bolsonaro não copie as práticas comerciais de Donald Trump – atualmente em guerra comercial com a China – pois os custos para a economia brasileira poderiam ser extremamente altos.

Este artigo busca discutir os potenciais impactos do governo Bolsonaro sobre a relação Brasil-China. As próximas duas seções apresentam o histórico recente da

relação entre os dois países, particularmente no que se refere a comércio internacional e a investimento direto externo da China no Brasil. Em seguida, procura-se especular sobre os possíveis efeitos de um afastamento do Brasil em relação à China, em função de um alinhamento político mais próximo aos Estados Unidos. O artigo se encerra com algumas considerações finais acerca dos problemas associados a tal estratégia, caso venha de fato a ser adotada.

2. O efeito China na economia brasileira¹

A economia brasileira apresentou um desempenho muito favorável ao longo da última década em vários indicadores. Particularmente, entre 2004 e 2011, observa-se a recuperação das taxas de crescimento econômico (quase 5% a.a., em média) após as “décadas perdidas” de 1980 e 1990. Tal recuperação do crescimento foi acompanhada por inflação moderada, sucessivos superávits comerciais, queda contínua das taxas de desemprego, elevação dos salários reais, melhoria na distribuição de renda e redução expressiva da pobreza.

O bom desempenho observado no período pode ser atribuído, em parte, ao chamado “efeito China”. O Brasil foi afetado pela forte expansão chinesa nos anos 2000, com intensa demanda por *commodities* agrícolas e minerais, o que levou a um crescimento sistemático das exportações brasileiras. Desde 2009, a China é o principal parceiro comercial do Brasil, sendo que a participação chinesa nos fluxos comerciais brasileiros cresceu seis vezes em um período de apenas dez anos. Em linhas gerais, o papel da China na trajetória da economia brasileira no período recente está associado à geração de expressivos superávits comerciais observados ao longo do tempo, o que aliviou a restrição externa ao crescimento. Com isso, ajudou a evitar crises de balanço de pagamentos, que eram recorrentes em períodos de maior crescimento da economia brasileira, e permitiu a melhoria dos indicadores de risco país ao longo do período, com efeitos positivos sobre a taxa de juros doméstica.

Por outro lado, a relação com a China apresenta impactos negativos a longo prazo associados à primarização da pauta de exportações – as vendas de produtos primários e manufaturas baseadas em recursos naturais cresceram quatro vezes entre 2003 e 2013 – e à desindustrialização prematura da economia brasileira, dada a forte concorrência dos produtos manufaturados chineses no mercado doméstico. Tal expansão das exportações de *commodities* tem como uma de suas

¹ Esta seção está baseada em Libânio (2018).

consequências a sobrevalorização da taxa de câmbio – configurando um quadro típico de “doença holandesa” (Palma, 2014) – que penaliza fortemente a exportação de setores manufatureiros, nos quais o Brasil não possui vantagens comparativas e sofre forte concorrência asiática, principalmente chinesa.

Nas palavras de Medeiros e Cintra (2015, p. 32),

a expansão Chinesa gerou dois efeitos distintos sobre os países, um “efeito demanda” ou macroeconômico que se exerce através do seu impacto sobre as exportações, balança comercial, e investimentos e um “efeito estrutura” ou setorial através do seu desigual impacto sobre os setores ou atividades segundo o grau de complementaridade e de rivalidade

Em resumo, o “motor externo” de crescimento da economia brasileira nos anos 2000, associado ao papel da China enquanto grande consumidor de *commodities*, teve importante papel para garantir taxas elevadas de crescimento sem estrangulamento no balanço de pagamentos. Ao mesmo tempo, trouxe como efeito colateral a primarização da pauta de exportações brasileira e a desindustrialização prematura de nossa economia.

3. Brasil-China: relações de comércio e investimentos no período mais recente

As exportações brasileiras observaram crescimento expressivo desde o início deste século. Particularmente entre 2003 e 2008, sua taxa de crescimento anual foi, em média, de 22%, o que se explica principalmente pelo aumento da demanda e dos preços de *commodities* agrícolas e minerais, provocados pela ascensão da China no comércio internacional (Hiratuka e Sarti, 2016). Em virtude de seu padrão de crescimento intensivo em *commodities*, a China foi a principal responsável pela expansão da demanda mundial por produtos como minério de ferro, petróleo, cobre e soja, o que beneficiou países exportadores de matérias-primas – entre os quais o Brasil – tanto pelo aumento dos volumes exportados, como pela evolução favorável dos termos de troca.

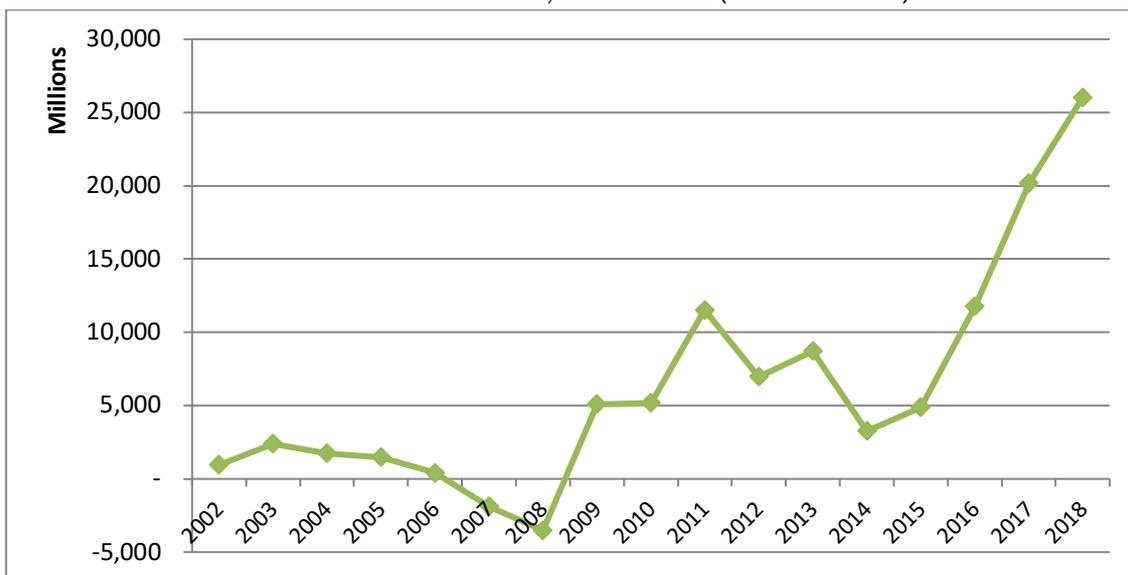
Desde 2009, a China é o principal parceiro comercial do Brasil. A relação comercial entre os dois países segue um padrão bem definido: enquanto a pauta de exportações do Brasil para a China é fortemente concentrada em produtos primários e manufaturas baseadas em recursos naturais, as exportações chinesas para o Brasil são concentradas em manufaturas. A corrente de comércio entre os dois países é significativa e apresentou crescimento expressivo ao longo do tempo. Até 2004, situava-se em valores abaixo de US\$ 10 bilhões ao ano. Na década atual,

a corrente de comércio entre Brasil e China tem oscilado entre US\$ 60 e US\$ 90 bilhões ao ano.

Cabe ainda destacar que a China é a principal fonte de superávit na balança comercial brasileira. O saldo comercial entre os dois países tem sido sistematicamente favorável ao Brasil desde 2002, com exceção dos anos 2007 e 2008. No período mais recente (2015-2018), em particular, o saldo comercial brasileiro nas transações com a China tem tido crescimento muito expressivo, superando a marca de US\$ 20 bilhões ao ano em 2017 e 2018 (gráfico 2). Neste último ano – de janeiro a novembro – o superávit comercial total obtido pelo Brasil foi de aproximadamente US\$ 51 bilhões, o que significa que a China contribuiu com mais de 50% do saldo comercial brasileiro nesse período.

Os principais produtos exportados para a China em 2018 foram, nesta ordem, soja, petróleo e minério de ferro. Importante frisar que a China absorveu cerca de 80% das exportações brasileiras de soja e mais de 50% das exportações de petróleo e minério de ferro. Cabe ainda notar, nesses resultados, a influência da guerra comercial recente entre EUA e China, uma vez que: (i) as exportações brasileiras de soja são o principal responsável pelo aumento do saldo comercial em 2018, em comparação a 2017; (ii) as exportações mensais de soja dos EUA para a China tem mostrado recuo considerável ao longo de 2018; (iii) Brasil e EUA são os principais fornecedores de soja para o mercado chinês, de modo que a guerra comercial tem como uma de suas consequências a substituição de soja norte-americana por soja brasileira no abastecimento do mercado chinês.

Gráfico 2. Saldo comercial Brasil-China, 2002-2018 (US\$ milhões)



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da SECEX/MDIC (2018). Nota: Para o ano de 2018, os dados correspondem aos meses de janeiro a novembro, pois os dados de dezembro ainda não estavam disponíveis quando da elaboração deste artigo.

Por outro lado, os investimentos diretos chineses no Brasil têm desempenhado papel destacado nos últimos anos. Como mencionado anteriormente, este movimento não se restringe ao Brasil, e responde a uma estratégia mais ampla de internacionalização da economia chinesa. Intitulada *China Going Global*, tal estratégia tem suas origens em 1999 e coincide inicialmente com a admissão da China à OMC, ocorrida em 2001. Sua motivação principal era a busca por maior inserção das firmas chinesas no comércio internacional.

Mais recentemente, a estratégia *Going Global* foi ajustada para atender aos objetivos nacionais da China em seu novo padrão de crescimento, com maior foco em consumo, crescimento do setor de serviços e investimento em inovação. Neste caso, a China busca avançar nas cadeias de valor de modo a fugir da chamada “armadilha da renda média”, e expandir a participação das firmas chinesas no exterior. Assim, o foco da estratégia chinesa de internacionalização, que nos anos 2000 era baseado principalmente em comércio, passa recentemente dar maior importância aos investimentos diretos e financiamento a projetos de infraestrutura.

Segundo Hiratuka (2018, p. 3),

growth heavily based on the expansion of investments, driven by the linkage between urbanization and industrialization, has resulted in overcapacity in several Chinese industries and thus increased the pressure for capital outflows and changes towards an economy that is less dependent on gross capital formation in the internal market.

Em relação à América Latina, e ao Brasil em particular, os interesses chineses estão associados principalmente ao fornecimento de matérias primas agrícolas e minerais, considerando questões de segurança alimentar e energética, que são caras ao país mais populoso do mundo. Cabe notar que o perfil dos investimentos chineses na região, sendo voltados para setores intensivos em recursos naturais, tende a reforçar as características da inserção comercial dos países da América Latina no comércio internacional como exportadores de *commodities*.

Segundo o governo brasileiro, a China realizou 104 projetos de investimento direto no Brasil entre 2003 e 2018, totalizando US\$54 bilhões. Foram ainda anunciados, embora não confirmados, outros 165 projetos de investimentos chineses no Brasil, que totalizariam mais US\$70 bilhões (Brasil, 2018).

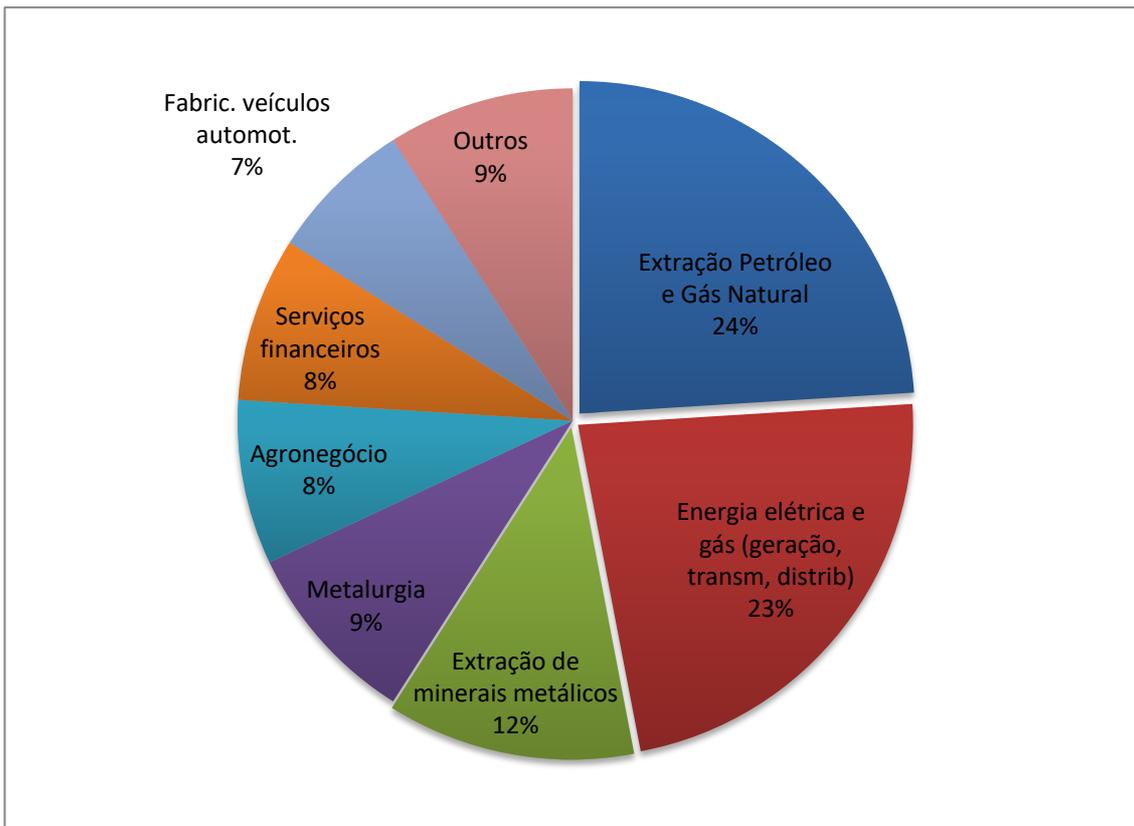
Observa-se uma clara mudança de patamar entre a década passada e a atual no que se refere à magnitude de tais investimentos, coerentemente com as mudanças na estratégia de internacionalização chinesa descritas anteriormente. Entre 2003 e 2009, os valores investidos se situam em torno de algumas centenas de milhares de dólares. Entre 2010 e 2017, por sua vez, os investimentos chineses

no Brasil atingiram, em média, cerca de US\$ 6,5 bilhões ao ano. Cabe ainda notar que a maior parte dos investimentos confirmados (cerca de 90%) se refere a fusões e aquisições, principalmente de empresas brasileiras relativamente consolidadas em seus setores de atuação, como estratégia de minimização de riscos.

O gráfico 3 mostra a distribuição setorial dos investimentos chineses, confirmados e anunciados, entre 2003 e 2017. Os setores de energia, extração mineral e de petróleo e gás concentram quase 60% desses investimentos. A indústria automobilística, o agronegócio e os serviços financeiros também tem participação importante no período. Segundo a Secretaria de Assuntos Estratégicos (Brasil, 2018, p. 4), o direcionamento setorial dos investimentos chineses variou ao longo do tempo, atendendo principalmente às novas oportunidades que foram surgindo:

Nos anos de 2010 a 2012 (...) houve fortes investimentos (...) nas áreas de petróleo e gás e mineração. Entre os anos de 2013 e 2016, destacaram-se a indústria automobilística e de mineração. Já de 2014 em diante, registra-se crescente entrada de investimentos no setor de energia.

Gráfico 3. Distribuição setorial do IED chinês anunciado/confirmado no Brasil, 2003-2017 (em %)



Fonte: Brasil – Secretaria de Assuntos Internacionais (2018).

Em resumo, a observação dos dados de comércio bilateral e de investimentos da China no Brasil, bem como o reconhecimento da importância

crescente do país asiático no cenário mundial sugere que o papel desempenhado pela China na economia brasileira é central, e tende a ganhar ainda mais importância no futuro. A próxima seção se dedica a discutir as potenciais perdas e ganhos de um alinhamento mais próximo do Brasil aos Estados Unidos, considerando a importância das relações de comércio e investimento entre os dois países.

4. As consequências econômicas de J.M. Bolsonaro

Para discutir a conveniência (ou não) de um maior alinhamento econômico e diplomático do Brasil aos EUA, e o consequente estremecimento das relações com a China, é necessário avaliar também o status das relações Brasil-EUA. Neste sentido, a pergunta que se quer responder é se tal realinhamento poderia trazer mais ganhos, em termos de comércio e investimentos norte-americanos, do que perdas de fluxos de comércio e investimento com a China.

Em termos de comércio internacional, os Estados Unidos foram por algum tempo o principal parceiro comercial do Brasil, mas foram ultrapassados pela China desde 2009. Nos últimos anos, a corrente de comércio entre os dois países tem se mantido relativamente estável, com média anual de cerca de US\$ 50 bilhões no período 2015-2018. Em comparação, a corrente de comércio entre Brasil e China apresentou média anual de US\$ 72 bilhões no mesmo período – o que confirma e quantifica a maior importância da China como parceiro comercial do Brasil.

Outro dado importante a se destacar diz respeito ao saldo comercial das transações com os nossos principais parceiros. No caso dos EUA, a balança comercial com o Brasil tem sido relativamente equilibrada nos últimos anos. Isto é, observa-se resultados superavitários e deficitários ao longo do tempo, mas o acumulado no período 2015-2018 é um pequeno déficit para o Brasil, de aproximadamente US\$ 1,2 bilhões. Este resultado indica que a relação comercial Brasil-EUA não tem impactos significativos sobre nosso saldo no balanço de pagamentos e, assim, não tem efeitos macroeconômicos substantivos, nem para a geração de demanda autônoma, nem para o afrouxamento da restrição externa ao crescimento. Cabe ainda destacar que o contraste com a relação Brasil-China, já discutido na seção anterior, é significativo, pois o saldo comercial brasileiro acumulado em 2015-2018 foi, neste caso, de cerca de US\$ 63 bilhões.

Em relação a investimentos diretos externos, os EUA têm representado papel de destaque para a economia brasileira ao longo do tempo. Segundo estudo

do congresso dos EUA, o estoque total de investimentos diretos externos norte-americanos no Brasil é de US\$65 bilhões (Jackson, 2017).

Cabe notar que o presidente norte-americano Donald Trump, em entrevista recente, prometeu mais de US\$200 bilhões de investimentos no Brasil, condicionado à remoção de barreiras tarifárias para a entrada de produtos norte-americanos no país. Embora a proposta possa parecer tentadora, é preciso avaliar se tal declaração é crível, ou se a proposta é factível. Para tanto, a tabela 1 mostra a evolução dos investimentos diretos externos dos Estados Unidos nos últimos anos. Verifica-se que o IDE norte-americano (total) flutua em torno de US\$ 300 bilhões e US\$ 400 bilhões por ano ao longo desta década. No entanto, participação do Brasil como destino dos investimentos é modesta, oscilando entre 2% e 4% do total dos investimentos, o que normalmente corresponde a valores inferiores a US\$ 10 bilhões por ano. Portanto, a promessa de Trump representaria multiplicar por vinte o volume de investimentos norte-americanos no Brasil ou, visto por outro ângulo, que o Brasil passasse a absorver pelo menos metade dos IDEs norte-americanos no mundo. Logo, a proposta não parece factível, e uma avaliação mais segura deveria tomar como base os valores observados no passado recente.

Tabela 1. Investimento externo direto dos EUA no mundo, 2010-2017 (US\$ milhões)

Ano	Valor
2010	349.828
2011	436.616
2012	377.240
2013	392.796
2014	387.529
2015	307.056
2016	312.975
2017	379.221

Fonte: World Bank – World Development Indicators (2018).

Assim, quando se compara EUA e China na condição de investidores internacionais no Brasil, com base nos dados existentes, os resultados indicam certo equilíbrio. Embora os EUA sejam o principal país em IDE no mundo, a trajetória de crescimento econômico da China e sua estratégia de crescente internacionalização permite supor que ela tende a se aproximar cada vez mais do líder, também nesse quesito.

Esta mesma perspectiva poderia se aplicar em relação a IDEs especificamente direcionados ao Brasil. Ou seja, embora os EUA tenham

historicamente maior relevância nesse quesito, os investimentos chineses no Brasil verificaram um salto importante nos últimos anos e são, atualmente, comparáveis aos investimentos norte-americanos no país. Como mencionado anteriormente, dado o grande potencial do Brasil em setores-chave de interesse dos chineses, como energia, extração mineral e agronegócio, é bastante provável que os investimentos da China no Brasil continuem a crescer nos próximos anos, a não ser que haja movimentos de ruptura na relação entre os dois países.

Em resumo, a observação dos dados de comércio internacional e investimento direto externo sugere que a China já representa atualmente um papel mais importante para a economia brasileira do que os EUA. Isto porque possui uma corrente de comércio mais elevada, garante um superávit comercial muito mais expressivo para o Brasil, e tem investimentos no país em magnitude comparável ao rival norte-americano, mas com maiores perspectivas de crescimento.

Assim sendo, as declarações do presidente eleito contrárias à China e favoráveis aos EUA podem ser justificadas por motivações políticas e ideológicas, mas economicamente tendem a ferir, mais do que beneficiar, os interesses do país. Por outro lado, como os impactos negativos de uma guerra comercial com a China recairiam fortemente sobre setores politicamente importantes na base de apoio ao governo Bolsonaro, como a bancada ruralista, a aposta mais provável é que – como em tantos outros casos – as declarações bombásticas não tenham efeito concreto e possam ser desmentidas ou revertidas em seguida. Os próximos anos trarão a resposta.

5. Considerações finais

Este artigo procurou discutir os potenciais impactos do governo Bolsonaro sobre a relação Brasil-China. A eleição de 2018 no Brasil apresentou um importante componente geopolítico, alimentado por declarações inflamadas em relação a diferentes possibilidades de inserção internacional do Brasil, em um momento particularmente delicado em função da guerra comercial envolvendo as duas principais potências econômicas mundiais – e que são, ao mesmo tempo, os principais parceiros comerciais do Brasil – EUA e China.

Inicialmente, apresentou-se o histórico recente da relação entre Brasil e China, particularmente no que se refere a comércio internacional e a investimento direto externo da China no Brasil. Em seguida, procura-se discutir as possíveis vantagens de uma aproximação com os EUA e o conseqüente afastamento do Brasil

em relação à China, caso se confirmem as reiteradas falas de membros do novo governo, inclusive do novo presidente.

Por um lado, a importância da América Latina – e do Brasil, em particular – para a estratégia nacional chinesa parece evidente, levando em conta os setores de energia, extração mineral e agronegócio, que são prioritários para as questões de segurança alimentar e segurança energética da China. Como principal parceiro comercial do Brasil e importante fonte de investimentos, Pequim insiste – com o pragmatismo que lhe é característico – que “não há razão para que o ‘Trump tropical’ comprometa as relações com a China”.

Por outro lado, há um avanço da política externa estadunidense em várias frentes para frear a ameaça chinesa, entre as quais se inclui a busca por um “enquadramento” dos países de América Latina, tradicional campo de influência dos Estados Unidos. No entanto, deve-se ver com cautela as promessas feitas por Trump em relação a investimentos norte-americanos no Brasil, uma vez que os valores anunciados não parecem factíveis.

Cabe ainda notar que um esfriamento das relações do Brasil com a China parece politicamente pouco plausível, dados os impactos negativos sobre setores politicamente importantes ao novo governo, como a bancada do agronegócio, que é extremamente dependente do mercado chinês. Os potenciais benefícios de uma aproximação com os Estados Unidos não parecem compensar tais custos.

A principal conclusão do artigo é que a China tem papel crucial nas relações econômicas do Brasil com o exterior e que não há justificativa para qualquer tipo de ruptura nessa relação, sob pena de o Brasil sofrer efeitos adversos em sua balança comercial e na recepção de investimentos externos.

Referências

Brasil – Secretaria de Assuntos Internacionais (2018). *Boletim Bimestral sobre Investimentos Chineses no Brasil* (vários números). Brasília: Secretaria de Assuntos Internacionais. Disponível em: <http://www.planejamento.gov.br/assuntos/internacionais/boletim-bimestral-de-investimentos>. Acessado em 18/12/2018.

Brasil – Secretaria de Comércio Exterior. (2018). *Estatísticas de Comércio Exterior – Séries Históricas*. Brasília: SECEX/MDIC. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/series-historicas>. Acessado em 16/12/2018.

- Gallagher, K. (2016). *The China Triangle: Latin America's China Boom and the Fate of the Washington Consensus*. New York: Oxford University Press.
- Hiratuka, C. (2018). Changes in the Chinese Development Strategy After the Global Crisis and Its Impacts in Latin America. *Revista de Economia Contemporânea*, 22(1), 1–25. <https://doi.org/10.1590/198055272214>
- Hiratuka, C., & Sarti, F. (2016). Relações Econômicas Entre Brasil E China: Análise Dos Fluxos De Comércio E Investimento Direto Estrangeiro. *Tempo Do Mundo*, 2(1), 83–98. Retrieved from http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/rtm/160331_rtm_vol_2_n1_relacoes_economicas.pdf
- Jackson, J. (2017) U.S. Direct Investment Abroad: Trends and Current Issues. *CRS Report*, RS21118, Washington, DC.
- Libanio, G. (2018). Economia internacional e perspectivas do desenvolvimento brasileiro. In M. Andrade & E. Albuquerque (Eds.), *Alternativas para uma Crise de Múltiplas Dimensões*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG.
- Ludeña, M. (2017). Chinese Investments in Latin America. *ECLAC Production Development Series*, 208, Santiago: ECLAC/UN.
- Medeiros, C., & Cintra, M. (2015). Impactos da ascensão chinesa sobre os países latino-americanos. *Revista de Economia Política*, 35(1), 28–42.
- Palma, G. (2014). De-industrialisation, ‘premature’ de-industrialisation and the dutch-disease. *Revista NECAT*, 3(5), 7–20.
- Rodrik, D. (2006). What’s So Special about China’s Exports? *China & World Economy*, 14(5), 1–19. <https://doi.org/10.1111/j.1749-124X.2006.00038.x>
- World Bank (2018). *World Development Indicators*. Washington, DC: World Bank. Disponível em: <https://databank.worldbank.org/data/source/world-development-indicators>. Acessado em: 16/12/2018.